

CENAS DA BAHIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Benedito Veiga (UEFS)

bveiga@uol.com.br

Ocupo-me, no presente recorte, de rastrear e de resgatar documentos em periódicos e também depoimentos e outros registros que permitam dar visibilidade a imagens da mulher baiana a partir da obra de Amado, no caso específico, de *Dona Flor*. Privilegio dois momentos significativos dessa obra de Jorge Amado: a divulgação inicial e seus lançamentos, e a sua repercussão, dando destaque a sua transposição para o cinema.

A partir dessa escolha, mapeio e analiso a recepção da narrativa amadiana, privilegiando “imagens” da baianidade e as diversas procedências e sentidos de tais “imagens”. Tenho dentre as minhas principais âncoras teóricas: Néstor Canclini, Roberto Damatta, Stuart Hall, Edward Said, Silviano Santiago, Walter Mignolo, Sônia van Dijk, Ivya Alves, que me auxiliam na fundamentação da consciência de pertencimento a uma cultura híbrida, de uma ex-colônia européia – falando da e na “periferia”.

Malgrado todos os empecilhos à imprensa, impostos pelo regime antidemocrático vigente no país no período pesquisado, dos documentos selecionados, pude constatar que: Jorge Amado era considerado como um “catalisador” de referências artísticas na localidade; o colunismo social era muito lido, noticiando, inclusive, acontecimentos artístico-culturais significativos para se compor um quadro da época; as notícias dos jornais – não só as colunas e artigos assinados, como, também, os relatos da responsabilidade das edições – desenhavam com nitidez, pelo dito, pelo não dito ou pelas censuras evidentes nas notícias, o clima da época: de nervosismo e insatisfação, ou de neurótica displicência e desdém. Às vezes, o assunto *Dona Flor* era o eixo condutor dos trabalhos: notícias, relatos em notas, colunas e artigos; entrevistas de ou sobre Jorge Amado, artigos ou ensaios literários.

Não me esqueci de resgatar documentos que comprovam o regime de governo ditatorial que des governava o país, desde a instauração do golpe militar de 1964. A *Dona Flor* de Jorge Amado

CRÍTICA LITERÁRIA II

chegou um ano e meio antes do famigerado AI-5; contudo já encontrou, entre outros arbítrios, as intervenções federais nos municípios, já encontrou as cassações pelo executivo federal dos mandatos do legislativo em todos os níveis, já encontrou a não convocação dos suplentes dos titulares cassados, mas presenciou o Marechal Castelo Branco decretar o recesso do Congresso.

A *Dona Flor* de Bruno Barreto, com as filmagens iniciadas nove anos e quatro meses depois do lançamento do romance homônimo, é contemporânea de outros arbítrios da ditadura, dentre eles, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, no DOI-CODI, em São Paulo, que provoca, segundo o relato escrito em *Não Verás Nenhum País Como Este*, de Sebastião Pereira da Costa, “[...] a primeira grande reação popular contra a tortura, as prisões arbitrárias e o desrespeito aos Direitos Humanos.” (Costa, 1992)

Na área da cultura, no tempo de seu lançamento, *Dona Flor* de Jorge Amado participa da proposta do livro como produto do mercado cultural – com o recorde nacional de setenta e cinco mil exemplares, lançados e vendidos na primeira edição –, tendo o escritor, na elaboração do romance, se servido do desmonte das fronteiras entre os níveis culturais.

É desta época ainda a polêmica do grupo do Cinema Marginal com o do Cinema Novo, criticando aquele a este último por suas “elucubrações mentais”. Surgia no Brasil o enfoque da cultura como geradora de um produto – no caso, cultural –, submetido às leis da oferta e da procura existentes no mercado. Era a grande expansão da indústria cultural, seguindo um fenômeno mundial e confirmando a expansão capitalista brasileira em todos os campos.

Dona Flor de Bruno Barreto, nesse quadro de perturbações e mudanças, se insere duplamente: não apenas no aspecto mercadológico com seu consumo por grandes públicos – mais de doze milhões de espectadores –, como ainda no prosseguir da quebra dos contornos delineados dos níveis culturais, como, aliás, já se via em outras artes com a mistura do erudito, do popular e do, entre nós, emergente, massivo.

Faço uma breve amostra, um recorte de um recorte, trazendo a criação de imagens da mulher baiana, via análise da recepção de *Dona Flor* de Jorge Amado.

Os liames de *Dona Flor* com a criação de “imagens” da mulher baiana tornam-se fortes pela repercussão que a obra literária de Jorge Amado tem nacional e internacionalmente e também pelo momento de sua chegada, coincidente com a busca de implantação de um pólo turístico em Salvador.

Ao levantar algumas dessas imagens da mulher baiana, sustentadas pela ficção amadiana, constato vários “modelos”: o da mulher doméstica encarregada da preparação da boa comida caseira; o da mulher “rechonchuda, servida de carnes”, modulada para os exercícios sexuais: esses dois “modelos” se fundem no da mulher “sabor e arte”, a mulher boa de mesa e boa de cama; o da mulher socialmente desprezada do comportamento familiar pequeno-burguês, que a deixa livre e degradada, desejada enquanto fêmea, mas relegada para ser esposa; a da mulher fisicamente de aparência exótica, com costumes estranhos, o que a torna “mulher misteriosa”, ambigualmente amada e odiada; o da mulher livre da aceitação dos cânones ocidentais da escolha entre um ou outro, a mulher *Dona Flor*.

Como um dos sustentáculos da construção dessa identidade da mulher baiana, vê-se a publicação do *Jornal da Bahia*, de 25 de agosto de 1966, registrando o acontecimento, em Salvador, do concurso “A mais bela mulata da Bahia”, tendo no júri o autor de *Dona Flor*. Chamado a pronunciar-se, Amado entende ser uma homenagem às mulatas brasileiras, uma forma também de exaltar nossa democracia racial, ou seja, nossa originalidade cultural, que reside, sobretudo, na mistura de sangue, no fato de sermos um povo mestiço. O tipo mestiço, presente em *Dona Flor*, é mostrado como “*experiência única no mundo de mistura de raças as mais diversas para a criação de uma nacionalidade nova*”.⁷

Deixando de lado a ilusória homogeneidade cultural do Brasil, observo que a mulata é o tipo mais caracteristicamente baiano da mulher, alçado, em alguns momentos – sobretudo ao nível de expor-

⁷ *JBa*, 25.8.66; 1. NOTÍCIA DE REDAÇÃO. Homenagem à mulata nacional.

CRÍTICA LITERÁRIA II

tação –, como padrão feminino nacional. Nesta leitura simplista e esquemática, *Dona Flor* pode ser tomada pelo turista como símbolo de um lugar paradisíaco, onde tudo são delícias e permissividades.

Essa notícia traz a marca que caracterizará a fixação do pólo turístico: a articulação entre a esfera mercadológica e a esfera cultural, com a apropriação da cultura negra, majoritária, pela branca ou pseudo, hegemônica no poder, na busca de significados que indiciem a “baianidade”, como, por exemplo, o uso do “traje típico da baiana” para as vendedoras de rua; no artesanato, a manufatura em prata do balangandã; e como marca registrada da Bahia, o berimbau.

A designação “cultura negra” não exclui o conhecimento da diversidade cultural e lingüística do continente africano; sobreleva, no entanto, o impacto dos propósitos coloniais que, preocupados com os perigos de sublevações, diversificavam ao máximo a venda de “escravos” aos “senhores”, visando dificultar a proximidade familiar, a comunicação lingüística e cultural. Esses caminhos percorridos e outros não menos amargos delineiam o surgimento da cultura afro-brasileira e, em especial, da afro-baiana.

Então, nesse pedaço baiano do “Brasil crioulo” – como denomina Darcy Ribeiro – de “[...] *configuração histórico-cultural resultante da implantação da economia açucareira e de seus complementos e anexos na faixa litorânea do Nordeste brasileiro, que vai do Rio Grande do Norte à Bahia*” (Ribeiro, 1994, p. 277), já se espriavam, para todas as classes, as manifestações culturais provenientes da cultura negra, quer seja na temática das artes, quer na presença de artistas de origem afro-brasileira.

O tipo mestiço, presente em *Dona Flor*, é situado por Amado como experiência única no mundo de raças as mais diversas para a criação de uma “nacionalidade nova”.⁸

“*O criador da mulata Gabriela*” é da opinião que, no mesmo pé de igualdade, brancas, negras e mulatas disputem a palma da beleza no Brasil: “*Apenas a mulata é a mais caracteristicamente brasileira*”. O Concurso “*não visa isolar as mulheres mulatas das demais*”.

⁸ *JBa*, 25.8.66; 1. NOTÍCIA DE REDAÇÃO. Homenagem à mulata nacional.

brasileiras". A criação de uma nacionalidade nova é o resultado da "fusão das matrizes européias, africanas e indígenas para que surgisse o homem brasileiro e a esplêndida mulher brasileira, a mulata", concluiu Jorge Amado.⁹

As declarações do autor de *Dona Flor* procuram não deixar margem à discriminação de raças, por outra, no entanto, escorrega ao definir a mulata como "a mais caracteristicamente brasileira".

O *Jornal da Bahia*, em sua edição de 4-5 de dezembro de 1966, confirma a realização do Concurso, na data prevista, sendo o corpo de jurados composto, predominantemente, por artistas e intelectuais da época, dentre eles se incluindo Jorge Amado, Genaro de Carvalho, Mário Cravo.¹⁰

Há, evidentemente, naquela época, dificuldade em "assumir" os traços da cultura negra na sociedade, embora surjam as manifestações artísticas pioneiras. O governo da minoria "branca", europeizada e hegemônica custou a permitir o aparecimento de marcos da maioria negra nessa comunidade envolvida em um processo de hibridação, formada de ingredientes provindos de várias fontes, "com diversas mesclas interculturais – não apenas raciais", como diz Canciani (1998, p. 18).

Jorge Amado assume o papel de interlocutor das artes da Bahia e propala na mídia jornalística um fato novo nas terras do lugar: o interrelacionamento entre a cultura popular e a cultura erudita e a quebra da nitidez de contornos em suas fronteiras.

Um dado bastante significativo na implantação do pólo turístico de Salvador é a procura continuada e crescente pelos visitantes, sobretudo estrangeiros, de sinais desta cultura híbrida, para vivenciá-los em sua plenitude: para degustar seus sabores; para sentir os cheiros e as cores da terra; para gozar seus exotismos, também presentes nas sinuosidades e nos coloridos de suas mulatas.

Mais uma vez, a vontade governamental se associa ao turismo: quando da filmagem de *Dona Flor*, por Bruno Barreto, nove a-

⁹ *JBa*, 25.8.66; 2. NOTÍCIA DE REDAÇÃO. Grandeza da experiência.

¹⁰ *JBa*, 4-5.12.66; 9. NOTÍCIA DE REDAÇÃO. Concurso de a mais bela mulata da Bahia.

CRÍTICA LITERÁRIA II

nos após o lançamento do romance, em 1975. Os governos, tanto o municipal quanto o estadual, vão se empenhar na fixação de traços da baianidade, destacando-se a imagem da mulher baiana.

A *Dona Flor* de Jorge Amado, herdeira e prosseguidora da *Gabriela*, impulsiona a instalação do pólo turístico de Salvador, principalmente através dos toques sensitivos ou sensoriais ou sensuais, como bem sugere o nome de sua escola de culinária “Sabor e Arte”, com ou sem jogos de sonoridades léxicas, mas sempre saborosos e atrativos. Com *Dona Flor*, estão em cena os prazeres da cama e os da mesa. Os primeiros, colocando em cheque a opção clássica, canônica, ocidental do trabalho, da ordem, do “pecado” ou o binarismo do construto mental e lingüístico da escolha entre “ser ou não ser”. Explico-me melhor: se na Europa a escolha entre um e outro se faz presente desde a vida cotidiana até as grandes reflexões, *Dona Flor*, no caminho de *Gabriela*, sustenta que é possível o trabalho e o prazer, que é possível servir a dois senhores ao mesmo tempo, que é possível não escolher.

Roberto DaMatta, em *O que faz o Brasil, Brasil?*, interpretando o romance *Dona Flor* como prática social do Brasil, comenta “[...] a perturbadora e contraditória sugestão de que se pode escolher os dois, ou seja: escolher não-escolher, um paradoxo lógico que transforma e relativiza” (Damatta, 1997, p. 121) e distancia o europeu do povo brasileiro como forma de encarar o mundo.

Considerações por demais paradisíacas para os turistas, que estão de passagem pelas terras dos outros, como diz Said: “terras muito distantes e diferentes”, “com situações rotineiras exóticas” (Said, 1995). Essas regiões, aparentemente tão “dísparas” de seus cotidianos domésticos, exalam perfumes – ainda assim – sedutores. Os visitantes desejam desfrutar com intensidade essa sexualidade sem regras, de continuada presença no imaginário europeu do “novo mundo”.

Quanto aos prazeres da mesa, *Dona Flor* transforma Salvador em um palco de comilanças e gulodices, com inegáveis atrações turísticas, como comprova a quase imediata apropriação de seu nome por restaurantes e casas de diversões. As associações de rotina entre o feminino e a comida logo acontecem: *Dona Flor*, como diz Jorge Amado, “morena rechonchuda, servida de carnes” (Amado, 1977, p.

65), e os temperos das “comidas baianas”, repletos de azeite de dendê, leite de coco, pimenta.

As “imagens” da mulher baiana – *Dona Flor* considerada como uma das suas figurações mais marcantes – servem de enorme atrativo turístico; basta se observar a quantidade de “baianas” com traje típico, em circulação no centro histórico de Salvador, com seus turbantes cada vez maiores, rodeadas de visitantes, em sua maioria estrangeiros.

Ao lado da cooptação do romance e das filmagens de *Dona Flor* ao turismo da Bahia, a imagem da baiana, da Bahia, vai se reatualizar. Se a imagem da baiana, negra, vestida desde os pés com trajes alvos, equilibrando um tabuleiro à cabeça, fornecera uma imagem negra da Bahia do final do século XIX e início do XX, a *Gabriela* da televisão, concretizada em Sônia Braga, a morena/mulata, de cabelos longos encaracolados e que estava filmando a protagonista do romance *Dona Flor* agora ampliava e ressignificava a imagem da baiana. Não era mais a negra, de classe baixa e devota do candomblé. Agora era a mulher, a mestiça (como a grande maioria da população de classe popular, mas também de classe média) que ganhava identidade. Deixando de lado seus cabelos lisos (às vezes à força) passava a um tipo “mais natural, mais primitiva” com seus cabelos ao vento.

Assim, como escreve Benedito Veiga em *Dona Flor da Cidade da Bahia*, não só *Gabriela* e *Dona Flor* davam a diferença da Bahia com hábitos, costumes, alimentação e até mesmo seu direito de não escolher, mas agora a própria população ganhava identidade ao se identificar com *Gabriela/Dona Flor* deixando vir à tona o hibridismo das raças, que junto com os costumes negros irão diferenciar a Bahia (feminina, mulher) tanto do Sul quanto do Nordeste do Brasil. (Veiga, 2006, p. 99)

Toda essa construção de identidade, no entanto, não foi uma elaboração espontânea de seu povo, mas foi uma vontade governamental que buscou intelectualizar a cultura negra e suas representações pela admiração que os intelectuais tinham em relação ao negro e a sua cultura. Dessa negociação ao circular do produto mestiça/mulher baiana foi um passo.

CRÍTICA LITERÁRIA II

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivia. Da província para a capital, in *Visões de espelhos: o percurso crítico de Eugenio Gomes*. São Paulo: USP, 1996. (Tese de doutoramento).

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem (Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2ª ed. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1998. – (Ensaio latino-americanos,1).

CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. (Int. aval. not.). Porto Alegre: L&PM, 1996.

COSTA, Sebastião Pereira da. *Não verás nenhum país como este; um relato cronológico da violência e do arbítrio. A censura, as negociações, a corrupção impune*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GOMES, Eugênio. *Leituras inglesas: visões comparatistas*. Org. apr. sel. Ivia Alves. Belo Horizonte: UFMG; Salvador: EDUFBA, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. Em demanda da gênese: uma metodologia de trabalho. *Exu*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, nº 33, mai-jun, 1993, p.22-26.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: UnB, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. 10 reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ROCHA, Carlos Eduardo da. *As influências africanas nas artes da Bahia*. Salvador: Bureau/ Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SANTOS, Deoscóredes Maximiano dos. *Axé Opô Afonjá: notícia histórica de um terreiro de santo da Bahia*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VEIGA, Benedito. *Dona Flor da Cidade da Bahia: ensaios sobre a memória da vida cultural baiana*. Rio de Janeiro: 7Letras; Salvador: Casa de Palavras/ FCJA – FAPESB, 2006.